

Aula 7

A CULTURA CONTEMPORÂNEA EM QUESTÃO

META

Apresentar os Estados Unidos como o mais importante produtor de cultura popular e de massa no século XX, levando em conta as mudanças políticas e conjunturais e suas implicações sócio-culturais.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
Compreender a complexidade da periodização referente ao século XX, sobretudo nos Estados Unidos;

PRÉ-REQUISITOS

Familiaridade com a história e a historiografia do século XX;
Conceitos-chave da Teoria da Literatura e da história literária.

Luiz Eduardo Oliveira

INTRODUÇÃO

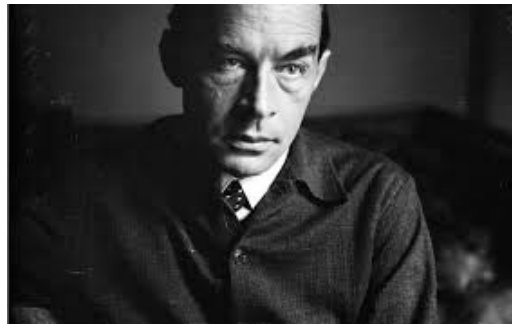
O surgimento dos Estados Unidos como potência mundial e centro de produção e circulação global de cultura provocou um profundo deslocamento da própria noção de cultura, representada tradicionalmente pela ideia de Europa como sujeito universal. Assim, o termo passou a abranger tanto a “alta cultura” quanto a cultura popular e/ou cultura de massa, mediadas pela imagem e pelas formas tecnológicas. Consequentemente, as instâncias discursivas privilegiadas no século XIX, como as narrativas históricas, políticas e literárias, foram deslocadas e perderam a centralidade no decorrer do século XX, fazendo com que as representações e os mitos fossem repercutidos em outras modalidades de práticas e manifestações artístico-culturais, como o rádio, o cinema, a televisão e depois a Internet, o que nos obriga a levar em conta outros tipos de manifestação além daquelas tradicionais.

DESENVOLVIMENTO

A Primeira Guerra Mundial deu início a uma “Era de Catástrofe” que marcou profundamente a estrutura do que Hobsbawm chamou de “O Breve Século XX”. Com efeito, os anos que se seguiram a 1914 assinalam o colapso da civilização ocidental do século XIX. Tal civilização, simbolizada pela centralidade da Europa, além de representar um terço da raça humana, era ainda tida como berço das artes e da ciência. Mas o horror da guerra, narrado em detalhes, dentre outros, pelo veterano alemão **Erich Maria Remarque** (1898-1970), em seu romance *Im Westen nichts Neues* (*Nada de Novo no Front*) –, que vendeu um milhão de cópias em 1929, ano de sua publicação na Alemanha, proporcionou aos olhos e imaginações do mundo cenas de sofrimento, privação, massacres e bombardeios submarinos nunca antes vistos ou imaginados, fazendo com que todo o sonho de progresso da sociedade europeia ruísse. Apesar de ter havido muitas guerras trágicas e destrutivas no século XIX, e de um conflito como a Guerra Civil dos Estados Unidos, ocorrido entre 1861 e 1865, ter matado tantos homens quanto todas as guerras posteriores do país, incluindo as guerras mundiais, a da Coreia e a do Vietnã, somente no século XX elas exigiram a mobilização econômica de vários setores da sociedade e envolveram indistintamente toda a população. Assim, se **Jane Austen** (1775-1817), ao escrever seus romances durante as Guerras Napoleônicas, não menciona em nenhum momento a guerra em suas páginas, é inconcebível que qualquer escritor da primeira metade do século XX pudesse fazer o mesmo.



Jane Austen (1775-1817) foi uma proeminente escritora inglesa. A ironia que utiliza para descrever as personagens de seus romances a coloca entre os clássicos, haja vista sua aceitação, inclusive na atualidade, sendo constantemente objeto de estudo acadêmico, e alcançando um público bastante amplo. Fonte: <http://homoliteratus.com/wp-content/uploads/2014/12/jane-austen-LP.jpg>



Erich Maria Remarque, pseudônimo de Erich Paul Remark (1898-1970) foi um escritor alemão. Fonte: https://www.newstatesman.com/sites/default/files/styles/nodeimage/public/blogs_2015/02/2015_06_remarque_new_crop1.jpg?itok=87CCJn0N

A Grã-Bretanha, depois de 1918, nunca mais voltou a ser a mesma, tendo a guerra aruinado a sua economia. Com o Acordo Naval de Washington, de 1922, a sua supremacia naval chegou ao fim. O acordo de paz imposto pelas potências vitoriosas em 1919, conhecido como Tratado de Versalhes, com o intuito de blindá-las contra o surgimento, na Rússia, do regime bolchevique revolucionário, bem como garantir o enfraquecimento da Alemanha, redividiu e retraçou o mapa da Europa, criando Estados-Nação étnico-linguísticos, conforme a crença de que as nações tinham o direito de autodeterminação, tese defendida pelo presidente **Thomas W. Wilson** (1856-1924), dos Estados Unidos. Com relação ao Oriente Médio, a divisão se deu entre a Grã-Bretanha e a França, tendo a Palestina sido prometida aos judeus pelo governo britânico, em troca do seu apoio durante a guerra. Tais reordenações, que se assemelhavam a casamentos forçados, fazendo com que pequenos estados étnicos submegissem perante os maiores, especialmente na Europa oriental, tornaram-se um barril de

pólvora permanente até os dias de hoje, haja vista a quantidade de conflitos étnico e políticos naquela região.



Thomas Woodrow Wilson (1856-1924) foi um político e acadêmico americano que serviu como o 28º Presidente dos Estados Unidos de 1913 a 1921. Nascido na Virgínia, ele passou os primeiros anos de sua vida em Augusta, Geórgia e em Colúmbia, Carolina do Sul. Wilson tinha um PhD em ciências políticas pela Universidade Johns Hopkins, e serviu como professor e acadêmico em várias instituições antes de ser escolhido para ser presidente da Universidade de Princeton, uma posição que ele teve de 1902 a 1910. Fonte: <http://c8.alamy.com/comp/CRYD41/thomas-woodrow-wilson-1856-1924-28th-president-of-the-united-states-CRYD41.jpg>

Mas o mundo estava reordenado também politicamente. De um lado, por assim dizer, “esquerdo”, estava o comunismo soviético, e de outro o capitalismo, representado principalmente pelos Estados Unidos. Embora na década de 1980 essa visão de um mundo cindido por dois sistemas políticos opostos já não fosse mais levada a sério, durante a maior parte do século XX as nações filiavam-se ao socialismo ou ao capitalismo. Quando os bolcheviques de **Lenin** (1870-1924) chegaram ao poder, sua repercussão popular e internacional fez com que se criasse um poderoso mito da revolução, associado à mitologia do fim dos tempos, marcada pelo caos e pela regeneração. Assim, os movimentos revolucionários, estudantis e trabalhistas começaram a aparecer em todas as partes do mundo, tendo como ícones Marx, Lenin e outros líderes guerrilheiros carismáticos, como **Emiliano Zapata** (1879-1919), no México. Desse modo, se o marxismo garantia cientificamente e historicamente a vitória do socialismo, a Revolução de Outubro oferecia o exemplo de sua viabilidade. Moscou tornou-se o quartel-general da revolução mundial, apoiando e patrocinando levantes comunistas na Europa, na África e nas Américas, como ocorreu no Brasil, em 1935, com **Luís Carlos Prestes** (1898-1990) e **Olga Benário Prestes** (1908-1942), a jovem militante comunista alemã de origem judaica que foi executada pelo regime nazista num campo de extermínio, e cuja vida foi narrada em *Olga*, biografia de Fernando Morais que virou best-seller no Brasil em 1985, ano de sua publicação. Em 2004, o diretor Jayme Monjardim a transformou em filme.



Vladimir Ilyich Ulyanov, mais conhecido pelo pseudônimo Lenin (1870-1924), foi um revolucionário comunista, político e teórico político russo que serviu como chefe de governo da República Russa de 1917 a 1918, da República Socialista Federativa Soviética da Rússia de 1918 a 1922 e da União Soviética de 1922 a 1924. Sob sua administração, a Rússia e, em seguida, a União Soviética tornaram-se um Estado socialista unipartidário governado pelo Partido Comunista. Ideologicamente marxistas, suas teorias políticas são conhecidas como leninismo. Fonte: <http://www.gettyimages.com/detail/news-photo/vladimir-ilyich-ulyanov-in-st-petersburg-in-1897-news-photo/170987297#vladimir-ilyich-ulyanov-in-st-petersburg-in-1897-picture-id170987297>



Emiliano Zapata Salazar (1879-1919) foi um importante líder na chamada Revolução Mexicana de 1910 contra a ditadura de Porfirio Díaz, sendo considerado um dos heróis nacionais mexicanos. Era conhecido como Caudilho do Sul. Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/ea/6a/0c/ea6a0cd2d332c70675d33538a7b3767a.jpg>



Luís Carlos Prestes (1898-1990) foi um militar e político comunista brasileiro, sendo uma das personalidades políticas mais influentes no país durante o século XX. Fonte: <https://americasouthandnorth.files.wordpress.com/2015/09/prestes-1986.jpg>



Olga Benário Prestes (1908-1942) foi uma militante comunista alemã de origem judaica, filha de Eugénie Gutmann Benário e Leo Benário, advogado e membro ativo do Partido Social-Democrata Alemão. Com apenas quinze anos, em 1923, juntou-se à organização juvenil do Partido Comunista Alemão (KPD). Pouco tempo depois, aos dezoito anos, foi viver junto com o namorado Otto Braun, quando mudaram-se para Berlim, devido a conflitos ideológicos com o pai. Fonte: https://4.bp.blogspot.com/-zd9Pe4bhL0A/WBYmGaiZEZI/AAAAAAAAABv0/GG8GZBoDh-hsHGokY0DVvkguilMvrq-BcQLcB/s1600/Olga_Benario-Prestes.jpg

O mito da revolução teve repercussões profundas. Influenciou a emancipação colonial e o processo de descolonização, tendo inspirado tanto movimentos facistas e antirrevolucionários quanto a política da social-democracia na Europa, especialmente no período entre as guerras, quando se iniciou o colapso econômico mundial, que culminou com a quebra da bolsa de Nova York, em 29 de outubro de 1929, e a **Grande Depressão (1)** (1929-1933), que forçou os governos ocidentais a priorizar as políticas sociais em detrimento dos assuntos econômicos, algo que se fazia cada vez mais urgente diante dos índices alarmantes de desemprego. A crise, no limite, alimentava a mitologia comunista do fim dos tempos, pois apontava para o fracasso do capitalismo ocidental, que, por sua vez, coincidia com o sucesso dos Planos Quinquenais da União Soviética.

Ver glossário no final da Aula

Mas isso não significava dizer que a supremacia norte-americana, assegurada desde 1913, fosse posta à prova, pois em 1929 os Estados Unidos respondiam por mais de quarenta e dois por cento da produção mundial total. Ademais, depois da Primeira Guerra Mundial, Hollywood já tinha praticamente monopolizado o mercado do cinema, que era uma diversão muito barata em tempos de crise. Não custa lembrar que, apesar do colapso econômico, os anos de 1930 foram marcados pela inovação tecnológica na indústria. Os novos meios de comunicação, como o rádio e a imprensa ilustrada de retrogravura, fizeram com que os sociólogos chegassem à conclusão de que durante a Grande Depressão as pessoas tiveram mais lazer do que antes.

No campo das artes, a maturidade dos primeiros autores modernistas, que também eram intelectuais da academia, fazendo parte assim de uma elite intelectual, como **T. S. Eliot** (1888-1965), cuja obra poética só foi publicada de 1917 em diante, coincide com os primeiros movimentos de vanguarda: o Dadaísmo, o Surrealismo, o Construtivismo etc. Na música, o período é marcado pela “Era do Jazz”, um tipo de música rítmica com melodias e instrumentação não convencionais composta e executada por negros norte-americanos, que se tornou um símbolo da vanguarda e da modernidade, como música adequada para um tempo que buscava acompanhar a velocidade das máquinas e dos automóveis, tal como os artistas preconizavam em seus manifestos de vanguarda. Paralelamente a essa forma elitizada de arte, o período entreguerras, como já foi dito, foi o grande momento da arte de massa, podendo ser considerada uma era de ouro para o cinema – veículo no qual as vanguardas às vezes se fundiam –, tanto de cariz revolucionário, como o do russo **Eisenstein** (1898-1948), quanto a produção cinematográfica alemã da República de Weimar e o filme sonoro francês da década de 1930, para não mencionar as produções de Hollywood, que fazia quase tantos filmes quanto todas as outras indústrias combinadas, incluindo o Japão e a Índia, o que muito contribuiu para o estabelecimento do inglês como língua universal da cultura de massa.



Thomas Stearns Eliot (1888-1965) foi um poeta modernista, dramaturgo e crítico literário inglês nascido nos Estados Unidos, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura de 1948. Eliot nasceu em St. Louis, Missouri, nos Estados Unidos, mudou-se para a Inglaterra em 1914 (então com 25 anos), tornando-se cidadão britânico em 1927, com 39 anos de idade. Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/26/Thomas_Stearns_Eliot_by_Lady_Ottoline_Morrell_%281934%29.jpg



Serguei Mikhailovitch Eisenstein (1898-1948) foi um dos mais importantes cineastas soviéticos. Foi também um crítico de cinema. Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/a8/Sergei_Eisenstein_02.jpg/1200px-Sergei_Eisenstein_02.jpg

Um gênero bastante popular que floresceu nessa época foi a literatura policial, produzida em alta escala e vendida nas bancas de revista em formato de livro de bolso. O gênero encontra precursores em Edgar Allan Poe (1809-1849) e **Arthur Conan Doyle** (1859-1930), mas se consagrou com **Agatha Christie** (1890-1976), cujas obras foram sucesso de vendas até bem retentamente. Para atrair os leitores semialfabetizados, os jornais passaram a publicar mais ilustrações e histórias em quadrinhos.



Arthur Ignatius Conan Doyle (1859-1930) foi um escritor e médico britânico, nascido na Escócia, mundialmente famoso por suas 60 histórias sobre o detetive Sherlock Holmes, consideradas uma grande inovação no campo da literatura criminal. Foi um renomado e prolífico escritor cujos trabalhos incluem histórias de ficção científica, novelas históricas, peças e romances, poesias e obras de não-ficção. Fonte: <https://davidmalocco.files.wordpress.com/2015/05/conan.jpg>



Agatha Mary Clarissa Christie (1890-1976), popularmente conhecida como Agatha Christie, foi uma escritora britânica que atuou como romancista, contista, dramaturga e poetisa. Se destacou no subgênero romance policial, tendo ganho popularmente, em vida, a alcunha de “Rainha/Dama do Crime” (“Queen/Lady of Crime”, no original em inglês). Durante sua carreira, publicou mais de oitenta livros, alguns sobre o pseudônimo de Mary Westmacott. Fonte: <http://www.oxforddnb.com/doc/searchableMedia/odnb-9780198614128-e-1012602-graphic-1-full.jpg>

Mas o gênero inteiramente novo que conquistou as massas de quase todo o planeta foi o rádio. Para se ter uma ideia de sua propagação, quando a Primeira Guerra Mundial acabou, o rádio era quase desconhecido, mas em 1929 ele já tinha atingido, nos Estados Unidos, dez milhões de lares, mais de vinte e sete milhões em 1939 e mais de quarenta milhões em 1950. As inovações do rádio tornaram-se parte integrante do cotidiano das pessoas. Assim, quase todo o mundo tornou-se familiarizado não somente com as notícias da guerra, mas também com as transmissões e comentários esportivos, a entrevista com celebridades e as novelas. Em certo sentido, a vida privada da população tornou-se regulada por horários fixos que controlavam tanto os momentos de trabalho quanto os de lazer. Ademais, a

democratização do acesso aos gramofones e aos discos no entreguerras fez com que o mercado fonográfico abrisse espaço para os chamados “discos raciais”, direcionado para os pobres, permitindo que o mundo tomasse conhecimento de estilos tão variados quanto o samba, o tango, o jazz e, mais tarde, o blues e o rock’n’roll, que agora podiam ser ouvidos no rádio por mais de cinco minutos ininterruptos. A dominação anglo-americana nesse setor afetou profundamente a relação que as pessoas mantinham com a música na vida contemporânea.

CONCLUSÃO

Nesse processo de adaptação à convivência com as diferenças, o racismo formal e institucionalizado se tornou comum na Europa e no resto do mundo, onde um número cada vez maior de comunidades “étnicas” se estabeleceram, provocando, não raro, sérias manifestações de intolerância, numa nova onda fundamentalista que é já uma característica marcante do século XXI. Como se sabe, a palavra “raça”, que ainda tem uso corrente tanto em Portugal quanto no Brasil ou nos países africanos de língua portuguesa, quando relacionada a seres humanos, não é uma categoria científica, mas política e social, funcionando discursivamente como um indicador de superioridade ou inferioridade, numa relação assimétrica de poder econômico e cultural. Assim, os estigmatizados por razões étnicas, além de serem diferentes do ponto de vista cultural, são biologicamente caracterizados com estereótipos físicos e/ou sexuais. Em tal contexto, torna-se anacrônico qualquer discurso que insista na homogeneidade da cultura nacional ou regional.

Paralelamente a esse processo de diferenciação e pulverização cultural, causado não só pelos fluxos migratórios, ou pela nova diáspora, ocorrem formas dominantes de homogeneização cultural, que se constituem como o lado negativo da globalização, também alcunhada, nesse sentido específico, de “macdonaldização”. Seja qual for o efeito causado por tal fenômeno, o certo é que, desde o final do século passado, houve uma crescente democratização do acesso a bens de consumo eletrônicos, que passaram a acompanhar, numa impressionante velocidade, o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, sobretudo através da Internet. Essa dupla transformação teve profundas repercussões. Os novos modos de produção, circulação e recepção dos produtos culturais, por exemplo, obriga-nos a dar uma nova dimensão às tradicionais noções de cultura popular e cultura de massa, bem como a fugir de tal oposição, como se a primeira representasse a genuína produção do “povo” e a segunda resultasse da imposição de certas produções culturais sobre o povo. Embora o “público cultivado” ainda constitua uma boa fatia de consumidores da

considerada “boa literatura”, do “cinema de arte” ou da “música experimental”, a academia e outras instituições se voltam cada vez mais para um tipo mais “popular” de cultura, para o bem e para o mal.

Não se trata, pois, de conceber a cultura a partir do seu grau de autenticidade ou corrupção, mas de entendê-la como um processo dialético e dialógico, numa luta constante entre os grupos que buscam deter a hegemonia dos meios de produção cultural. Nesse contexto, o domínio linguístico universal do “inglês”, ou da língua inglesa não pode ser entendido como a hegemonia de uma “língua-nação”, mas como uma espécie de “língua geral” ou patois que se torna uma moeda comum nas relações e trocas culturais.

Desse modo, nessa nova lógica de produção, circulação e recepção cultural, a cultura só pode ser pensada a partir de uma perspectiva diaspórica, sobretudo se tomarmos como parâmetro as formas culturais e as manifestações artísticas contemporâneas, marcadas por uma espécie de dinâmica sincrética que se apropria dos códigos das culturas dominantes e os crioualiza, isto é, torna-os híbridos e necessariamente miscigenados. A ideia de cultura pura é nociva e prejudicial, pois é parente próxima da ideia de raça pura, que durante um bom tempo se sustentou na ideia de uma língua pura, que serviu de lastro para a ideia de nação e gerou o discurso do nacionalismo étnico, que causou tantas guerras e genocídios e ainda motiva grupos neonazistas ou neofundamentalistas nas grandes cidades do mundo.



RESUMO

A cultura contemporânea, pelo menos desde a década de noventa do século passado, tem sido pensada preponderantemente em sua condição diaspórica, uma vez que abrange discursos e manifestações políticas, artísticas e culturais de grupos sociais que têm identificações e sentimentos de pertença híbridos e variados. A diáspora, como se sabe, tem o seu paradigma mítico, pelo menos no mundo ocidental, no Velho Testamento, que narra o sofrimento do “povo escolhido” sob o jugo da Babilônia e tem em Moisés o seu grande redentor. A estrutura encontra paralelo nos países do chamado “Terceiro Mundo”, nos quais o subdesenvolvimento, a pobreza, a fome e a miséria provocaram a migração, o espalhamento e a dispersão de grandes parcelas da população.



ATIVIDADES

Após a leitura desta aula, como você relaciona a decadência do conceito tradicional de cultura com a identidade nacional?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Esta atividade tem por finalidade principal fazer você construir uma síntese dos principais conteúdos da primeira Aula, observando criticamente o modo como a noção já ultrapassada e nociva de identidade nacional se relaciona com o conceito tradicional de cultura.



PRÓXIMA AULA

AMERICANISMO E EUROPEÍSMO: o mito dos Estados Unidos da América

GLOSSÁRIO

(1) A Grande Depressão, também conhecida como Crise de 1929, foi uma grande depressão econômica que teve início em 1929 e que persistiu ao longo da década de 1930, terminando apenas com a Segunda Guerra Mundial. A Grande Depressão é considerada o pior e o mais longo período de recessão econômica do século XX. Este período de depressão econômica causou altas taxas de desemprego, quedas drásticas do produto interno bruto de diversos países, bem como quedas drásticas na produção industrial, preços de ações, e em praticamente todo indicador de atividade econômica, em diversos países no mundo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W., “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”. In: ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Tradução: Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução: Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- HOBSBAWM, E.J. e RANGER, T (org.). **A invenção das tradições**. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Tradução: Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- HOBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. Tradução: Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MERCER, Kobena. **Welcome to the jungle: new positions in black cultural studies**. London: Routledge, 1994.